

## INTERTEXTUALIDADE MULTIMODAL

## MULTIMODAL INTERTEXTUALITY

Carlos Eduardo Nunes Garcia\*  
nunes\_carlosedu@hotmail.com

A intertextualidade é um conceito que está presente nos estudos linguísticos desde Kristeva (1969). Assim, a noção de que os textos podem acontecer em intertextos é pacífica na área de linguística textual (Koch & Elias 2010; entre outros). É inegável também que o desenvolvimento de novas tecnologias no século XXI, especialmente as do mundo digital, tem possibilitado o surgimento de novos gêneros textuais, como os *memes* (Marcuschi 2008), que, por sua vez, tendem a fazer uso de diversos modos de linguagem, nos termos de Kress e Van Leeuwen (2001). O objetivo deste artigo é apresentar a Intertextualidade como um fenômeno multimodal cuja abordagem em ambientes pedagógicos é uma ferramenta de temas geradores (Freire 2014 [1968]).

**Palavras-chave:** Intertextualidade. Multimodalidade. Tecnologia digital. Ensino de Língua Portuguesa. Gêneros textuais.

Intertextuality is a concept used on the linguistic studies since Kristeva (1969) and the notion that the texts can happen in intertexts is accepted in the linguistics area (Koch & Elias 2010; and others). It is also possible to highlight that the development of new digital technologies in the twenty-first century has propitiated the creation of new textual genres, such as memes (Marcuschi 2008), which, according to Kress and Van Leeuwen (2001), use different modes of language. The purpose of this article is to present the intertextuality process as a multimodal phenomenon in pedagogical environments as a tool of generating themes (Freire 2014 [1968]).

**Keywords:** Intertextuality. Multimodality. Digital technology. Portuguese language teaching. Textual genres.

---

\* Departamento de Formação Geral, CEFET/MG, Leopoldina, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9112-7490>.

## 1. Introdução

A Teoria da Multimodalidade é baseada na ideia de que “alguns significados podem frequentemente ser expressos em diferentes modos semióticos” (Kress & Van Leeuwen 2001, p. 1).<sup>1</sup> Assim, como apontam diversos trabalhos (Ribeiro 2014; Dionísio 2007; entre outros), numa aula, por exemplo, o professor, utiliza, além da linguagem verbal, os desenhos no quadro para a produção de significados.

Nesse sentido, pode afirmar-se que todos os textos, escritos ou falados, são multimodais, uma vez que, no processo de produção, o interlocutor lança mão de outros recursos além da linguagem verbal. Ao falar, utilizam-se gestos e expressões faciais que atuam de forma conjunta na produção de sentidos. Da mesma maneira, um texto escrito, ainda que não possua nenhuma imagem, pode ser considerado multimodal, na medida em que a disposição dos parágrafos, o tamanho das letras e o destaque ao título e a subtítulos interferem diretamente na interpretação (Dionísio *ibidem*).

Partindo dessa concepção, assume-se que, desde que a linguagem iniciou o seu processo de evolução na espécie humana, os textos são multimodais. Da mesma maneira, desde que a tecnologia da escrita foi desenvolvida culturalmente pelas sociedades, os textos escritos são igualmente multimodais. Kress e Van Leeuwen (*ibidem*), por sua vez, afirmam que, com o avanço das tecnologias digitais nas últimas décadas, houve um aumento significativo da quantidade de textos em que ocorre uma interação direta entre diversas linguagens na produção de sentidos.

Restringindo a multimodalidade à junção entre linguagem verbal e outras linguagens (não à disposição das palavras num texto escrito sem imagens ou sons), essa assunção dos autores está de acordo com o postulado de Marcuschi (2008; entre outros), segundo a qual os gêneros textuais refletem o contexto sócio-histórico em que estão inseridos. Assim, por exemplo, o gênero carta perdeu espaço para o gênero mensagem de e-mail. Há pouco tempo, não se imaginava a existência do gênero *meme*, que é, por natureza, multimodal. O desenvolvimento das novas tecnologias digitais, portanto, tem permitido que a quantidade de gêneros textuais multimodais aumente significativamente.

A intertextualidade, por sua vez, é um fenômeno no qual um texto se refere a outro texto. Essa referência pode dar-se de forma direta, quando o texto explicitamente menciona outro, ou de forma indireta, quando a referência de um texto é recuperada pelo leitor através de vocábulos ou estruturas presentes em outro texto (Koch & Elias 2010).

O objetivo deste artigo é propor o conceito de Intertextualidade Multimodal, unindo pressupostos da linguística textual sobre a intertextualidade (Koch & Elias *ibidem*; entre outros) e da Teoria Multimodal (Kress & Van Leeuwen *ibidem*). Para isso, na seção 2 deste texto, discorre-se sobre o conceito de multimodalidade. Em 3, traça-se, brevemente, a noção de intertextualidade nos estudos da linguagem. A metodologia de pesquisa é apresentada em 4. A partir das ideias apresentadas nessa parte, a proposição de que a

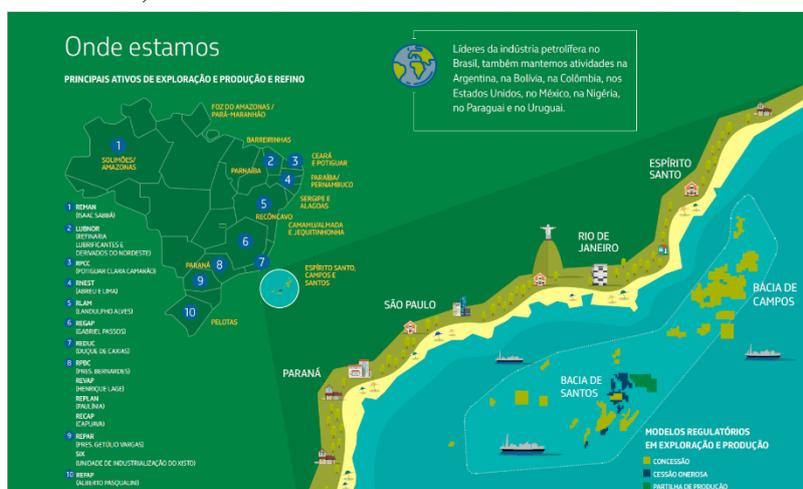
---

<sup>1</sup> No original “The ‘same’ meanings can often be expressed in different semiotic modes”.

intertextualidade multimodal é um fenômeno que, de fato, está presente nos textos contemporâneos é ilustrada na seção 5. Em seguida, na seção 6, são tecidas considerações sobre o uso da intertextualidade multimodal como gatilho para o ensino da intertextualidade estritamente linguística em textos literários ou não. As considerações finais estão na seção 7 deste artigo.

## 2. Teoria da Multimodalidade

A Teoria Multimodal da Comunicação baseia-se na ideia de que os significados são produzidos por diversos modos semióticos. Dessa forma, no design de um evento comunicativo (Kress & Van Leeuwen 2001), podem estar combinadas diversas linguagens (palavras, imagens, sons, etc.). O texto da figura 1, retirado de relatório de uma empresa brasileira, ilustra a multimodalidade.



**Figura 1. Infográfico do relatório anual de 2017 da Petrobras.**

<[www.investidorpetrobras.com.br/download/6092](http://www.investidorpetrobras.com.br/download/6092)>. Consultado em 4 mar. 2019.

Esse texto, pertencente ao gênero infográfico, demonstra a mudança na concepção de composição dos discursos na sociedade contemporânea. Outrora, havia uma predominância em narrar os fatos; atualmente, o mais relevante é mostrar os fatos, ainda que através de representações, como na figura 1 (Ribeiro 2014). Dessa forma, um relatório de uma empresa de grande porte apresenta mistura de linguagem verbal e de imagens em sua construção. Ao mostrar os fatos em vez de os narrar, o texto ganha poder de síntese.

Nesse infográfico, percebe-se que, a partir do título “*Onde estamos*”, são muitas as possibilidades de direcionamento da leitura, que pode começar da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, de cima para baixo, etc. Assim, pode afirmar-se que há várias camadas cuja ordem de leitura fica a critério do interlocutor.

## 3. Intertextualidade

Desde estudos clássicos, como a *Arte Poética*, de Aristóteles (trad. 1991), o conceito de imitação se constitui como a própria essência da linguagem. Ainda nessa perspectiva, o *Curso de Linguística Geral* (Saussure 2012), texto fundador da linguística moderna, adota

essa perspectiva ao tratar das relações paradigmáticas, uma vez que, a partir de elementos presentes no repertório linguístico, o falante produz seus enunciados. Dessa maneira, pode-se deduzir que, na construção de textos, também se lança mão de um conjunto de elementos pré-existentes.

Kristeva (1969), por sua vez, a partir das contribuições de Bakhtin, cunhou o termo intertextualidade, que remete ao fato de os textos sempre se constituírem a partir de um conhecimento prévio dos interlocutores, pois não há discurso isolado ou solitário. Dessa forma, um texto se referir a outro é um pressuposto de sua própria existência. Logo, a intertextualidade, fenômeno em que um texto está presente em outro, direta ou indiretamente, é uma condição fundamental a todo discurso.

De acordo com Marcuschi (*idem*), uma vez que a intertextualidade é uma relação entre textos, ela constitui a própria coerência dos textos. Assim, toda produção discursiva parte de outros textos já produzidos e presentes na memória social de uma determinada comunidade para que a sua interpretação seja possível.

Como a intertextualidade é um dos fenômenos que permeiam toda produção textual, seja escrita ou falada, é necessária uma ampliação desse conceito, já que, por conta do desenvolvimento das novas tecnologias da era digital, textos multimodais circulam cada vez mais. Sendo assim, a intertextualidade deve levar em conta não somente a materialidade linguística dos textos, mas também seus aspectos visuais e tecnológicos, como no caso dos hiperlinks, que são ligações digitais entre textos as quais permitem uma leitura não linear (Koch 2003).

Nesse contexto, Mozdzenski (2013), utilizando a noção de intericonicidade (*cf.* Courtine 2011; entre outros), apresenta uma indicação de que a intertextualidade, em clipes musicais, é um fenômeno que não se restringe à linguagem verbal, porque há um repertório de imagens guardadas na memória social. A partir dessa assunção, verificou-se que, em alguns textos escritos, a intertextualidade ultrapassa o limite dos elementos verbais.

#### **4. Metodologia**

Com o intuito de moldar o conceito de intertextualidade multimodal, a metodologia adotada nesta pesquisa é a qualitativa. Assim, foram analisados textos que circulam ou que foram produzidos no mundo digital e cuja intertextualidade acontece em função da mescla da camada linguística e da de imagens. Na primeira etapa do trabalho, foram separados alguns textos na rede social *Facebook*, incluindo aqueles que inicialmente circularam em meios impressos. Em seguida, realizou-se uma leitura a fim de verificar se havia alguma relação de intertextualidade nesses textos. Por fim, analisou-se em que medida a intertextualidade presente dependia da mescla entre elementos verbais e não verbais. Assim, o resultado desse trabalho está exposto na próxima seção.

#### **5. Análise**

Como os textos são multimodais, a intertextualidade é, pois, um fenômeno multimodal. Essa proposição fica evidente, por exemplo, nos *memes*, uma vez que, em muitos casos,

o entendimento desse gênero de texto exige conhecimento prévio da imagem presente, como se pode observar na figura 2, retirada de uma página do *Facebook*:



**Figura 2.** Meme retirado de página do *Facebook*.

Nesse texto, podemos observar que somente a materialidade linguística presente (Feliz aniversário, John Travolta!) não permite o estabelecimento de uma relação intertextual. No entanto, a associação dessa frase com a imagem de Nicolas Cage remete ao filme *A outra face* (1997), em que Cage e Travolta interpretam personagens que trocam de face e, por consequência, de vida. Esse exemplo é uma evidência, portanto, de que a relação de intertextualidade pode ser estabelecida através da multimodalidade de textos.

Vale mencionar que o gênero *meme*, por sua natureza, é intertextual, uma vez que o próprio termo *meme* remete à memória, à *mimesis*. Em outras palavras, a existência do gênero *meme* pressupõe imitação de modelos. No mundo digital, esses modelos, em geral, são recuperados, como o exemplo da figura 2, por meio da associação do elemento verbal com as imagens (Passos 2012).

A figura 3, por sua vez, é capa de um jornal brasileiro voltado para a população de classe sócio-econômica menos favorecida da cidade do Rio de Janeiro e de sua respectiva Região Metropolitana. A presença da multimodalidade é rica nesse texto, o que indica, entre outras coisas, que a produção e, especialmente, a circulação de textos multimodais atinge todas as classes sociais.



Figura 3. Capa do jornal *Meia hora* de 26 de maio de 2018.

<<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/meia-hora/2018-05-26.html>>. Consultado em 4 mar. 2019.

Esse texto, que circulou à época de uma greve de caminhoneiros, ilustra a intertextualidade multimodal como recurso discursivo. Nesse sentido, os produtores do discurso reforçam a situação de carência de produtos decorrente da greve com o uso de diversas camadas semióticas. O destaque recai sobre o título *caças*, que está em evidência no lado superior esquerdo da manchete. O vocábulo isoladamente não remete a um outro texto. A configuração das letras brancas dentro de um retângulo vermelho, porém, se refere diretamente à capa da revista *Caras*, cuja função é divulgar a vida de celebridades:



Figura 4. Logotipo da revista *Caras*.

<<https://caras.uol.com.br/>>. Consultado em 28 fev. 2019.

Nesse caso, uma vez que a manchete do jornal noticia a escassez de produtos básicos, remetendo à idade da pedra, a referência intertextual tem a função de projetar um valor semântico ao texto da figura 3 inversamente proporcional ao veiculado pela capa da

revista *Caras*, que propaga a noção de que celebridades possuem comodidades em excesso.

Outro aspecto interessante observado na capa do jornal é a referência ao slogan do governo do ex-presidente brasileiro Juscelino Kubitschek, 50 anos em 5, que pode ser observada na frase 2,5 milhões de anos em 5 dias. No slogan de Kubitschek, os cinquenta anos em cinco significavam um rápido progresso; no slogan da manchete do jornal, contudo, os dois milhões de anos em cinco dias representam um rápido retrocesso. Nesse caso, mais uma vez, está evidenciado o aspecto multimodal na intertextualidade, uma vez que, para que a referência ao slogan do ex-presidente fosse recuperada pelo leitor, o número “2” permite o paralelismo entre o texto fundador e o intertexto (50 para 5 e 2,5 para 2). Esse número, todavia, foi tachado para produzir o efeito de correção de que a regressão de 2,5 milhões de anos por conta da greve dos caminhoneiros não foi em dois anos, mas em cinco dias.

Em setembro de 2016, ao apresentar uma denúncia contra o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, os procuradores do Ministério Público Federal brasileiro, para indicar que o denunciado era o líder de um esquema de corrupção, utilizaram um programa digital de apresentação de *slides*. Esse texto ficou conhecido como *PowerPoint do Lula*. Um dos *slides* dessa apresentação está reproduzido a seguir.



**Figura 5. PowerPoint do Lula.** Fonte:

<<https://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2016/09/15/conheca-o-powerpoint-usado-pelo-ministerio-publico-contralula/>>. Consultado em 1 mar. 2019.

A partir deste texto, surgiram inúmeros *memes*, como, por exemplo, a figura 6.



Figura 6. Meme criado a partir do PowerPoint do Lula. Fonte:

<<https://emails.estadao.com.br/galerias/comportamento,confira-os-melhores-memes-do-powerpoint-do-ministerio-publico-na-denuncia-contra-lula,27199>>. Consultado em 1 mar. 2019.

Nesse texto, a intertextualidade multimodal permite produzir o sentido de humor, uma vez que se aproveita da homonímia do vocábulo “lula” para se referir ao molusco através de texto em formato similar ao da apresentação dos promotores. Isso indica que, em consequência de toda polêmica política envolvida em seu contexto de produção, o PowerPoint passou a fazer parte do repertório sociocultural dos brasileiros. Uma evidência disso é o fato de, pouco mais de dois anos depois de sua produção, um texto de jornal de grande circulação no Brasil estabelecer uma relação multimodal de intertextualidade, conforme se pode observar na figura 7.

Entenda a relação da família com Queiroz e as milícias

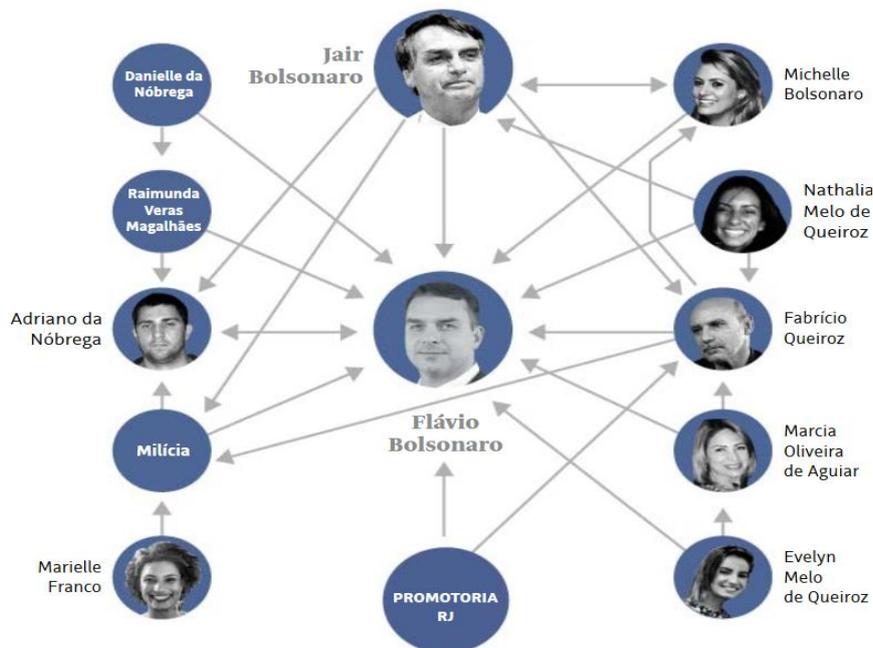


Figura 7. PowerPoint dos Bolsonaros.

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/powerpoint-dos-bolsonaros-entenda-a-relacao-da-familia-com-queiroz-e-as-milicias.shtml>> Consultado em 1 mar. 2019.

A figura 7, pertencente a uma reportagem cujo título é *PowerPoint dos Bolsonaro*, possui uma relação de intertextualidade multimodal com o *PowerPoint do Lula*, uma vez que a referência não se estabelece apenas no título do texto, mas também no formato da imagem que dele faz parte. Nesse sentido, o leitor recupera o texto original na conjunção da informação linguística e da imagem presente no texto.

Esses exemplos de intertextualidade multimodal não são exaustivos. Atualmente, com a velocidade de propagação de textos multimodais nas novas mídias, o conhecimento da relação entre as imagens e a linguagem verbal tornou-se um pressuposto entre os interlocutores nos discursos. Nesse sentido, as novas tecnologias de edição e de difusão dos textos não são apenas instrumentais, mas fontes de produção de sentidos. Essas fontes, por sua vez, devem ser utilizadas pelos profissionais de ensino no processo pedagógico. Sem a intenção de esgotar possibilidades, a próxima parte deste texto indica um dos muitos caminhos que podem ser seguidos no ensino de Linguagens.

## 6. Intertextualidade multimodal e o ensino

É comum nas escolas brasileiras, na época em que se trabalha no ensino médio com o Movimento Modernista, o ensino de intertextualidade por conta das inúmeras paródias do poema *Canção do exílio* (texto 1), do escritor romântico Gonçalves Dias. Considerado por parte da crítica como um dos poemas fundadores da Literatura Brasileira, a *Canção* foi amplamente parodiada, especialmente no Modernismo. Um trecho de uma dessas paródias, escrita por Oswald de Andrade, está reproduzido a seguir (texto 2).

(1) *Canção do exílio* (Gonçalves, Aquino & Silva 1995)

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

(2) Canto de regresso à pátria (Andrade 1971)

Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá (...)

A comparação entre os dois textos (1 e 2) é um recurso didático interessante, porque permite ao discente perceber o quanto o contexto histórico e os ideais de nacionalismo diferentes de cada período são elementos constitutivos na produção de sentidos. Dada a importância disso nas aulas de linguagens, faz-se necessário que os alunos sejam levados a esses textos a partir de sua realidade. Logo, o ensino desse clássico fenômeno na Literatura pode ser precedido de uma exposição de como a paródia, uma das manifestações da intertextualidade, está presente no dia a dia dos discursos contemporâneos.

Nesse sentido, uma forma de tornar o conceito de paródia mais significativo para os discentes é a apresentação desse fenômeno a partir de *memes*. Em abril de 2016, por exemplo, a revista brasileira *Veja* publicou a seguinte reportagem sobre Marcela Temer, esposa do então vice-presidente do Brasil:



**Figura 8. Reportagem da revista *Veja*.**

< <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Consultado em 28 fev. 2019.

Em resposta a essa reportagem, diversos *memes* foram publicados nas redes sociais, como o texto da figura 9.



**Figura 9. Meme produzido a partir da reportagem da revista *Veja*.**

<<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/tecno/online/internautas-repercutem-materia-que-define-marcela-temer-como-bela-recatada-e-do-lar-1.1534860>>. Consultado em 28 fev. 2019.

Nesse texto, a paródia consiste em aplicar o mesmo conteúdo linguístico em uma imagem diferente. A intertextualidade, embora possa ser estabelecida em termos linguísticos, é

enriquecida e subvertida em paródia com a imagem da jogadora de futebol Marta, cujas características físicas e sociais contrastam com as da esposa do então vice-presidente. Sendo assim, é possível partir de textos que tendem a ser mais próximos dos alunos do século XXI para o trabalho com clássicos da literatura, o que tornaria o ensino, em alguma medida, significativo para os discentes (Freire 1968/2014).

Embora a desigualdade social seja um problema recorrente no mundo contemporâneo, as tecnologias digitais têm alcançado uma quantidade maior de pessoas. No Brasil, por exemplo, que ainda é um país com muitas contradições sociais, as novas tecnologias estão presentes em cada vez mais espaços. Uma pesquisa do IBGE (PNAD contínua TIC 2017)<sup>2</sup> revela que 78% da população brasileira acima de 10 anos de idade possuía, em 2017, um aparelho de celular para uso pessoal. Assim, mesmo em um país que ainda possui significativa desigualdade social, a circulação de gêneros textuais multimodais é uma realidade inegável.

Como aponta Ribeiro (*idem*), a classe dos docentes, como parte da sociedade, também utiliza as novas mídias em suas relações sociais. Há, contudo, uma necessidade de importação dessas ferramentas para a prática pedagógica, especialmente dos aparelhos de telefonia móvel, os chamados smartphones. Nesse sentido, faz-se importante a tomada de consciência de que esses dispositivos, positiva ou negativamente, são parte da vida das pessoas e que eles não servem apenas como instrumentos de transmissão de textos tradicionais que veiculavam em outros meios. Como elemento constituinte da vida humana no século XXI, os smartphones são dispositivos que permitem, entre outras coisas, a produção de sentidos através da edição e da circulação de textos multimodais.

Desde Freire (*ibidem*), diversas correntes da pedagogia apontam a necessidade de que o ensino, seja de que área do conhecimento for, esteja relacionado com a realidade dos discentes em um processo de dialogismo. É importante, pois, que as práticas pedagógicas de linguagens sejam contextualizadas a partir do que está mais próximo dos alunos. Essa metodologia, de acordo com o autor, se fundamenta em temas geradores de debates e de sentido. Assim, em hipótese alguma, o ensino de linguagens deve se restringir aos textos do século XXI, mas, a partir de fenômenos que acontecem em produções do dia a dia dos discentes, como a intertextualidade multimodal em *memes*, o professor pode mostrar que a produção de sentidos ocorre em todos os períodos históricos, apesar dos diferentes contextos e das tecnologias existentes.

## 7. Considerações finais

Longe de exaurir o tema, este trabalho objetiva levantar questões acerca da relação entre as novas tecnologias digitais e o crescimento de gêneros textuais multimodais, em que há a mistura entre linguagem verbal e outras linguagens. Nesse sentido, propôs-se que o tradicional conceito de intertextualidade seja ampliado, pois, em uma realidade em que cada vez mais se exige o conhecimento da relação entre imagens e palavras, há textos em

---

<sup>2</sup><<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Consultado em 01 mar. 2019.

que a intertextualidade somente é recuperada na articulação entre os diversos modos semióticos de linguagem.

Como fenômeno recorrente no século XXI, a intertextualidade multimodal pode funcionar como aliada no desenvolvimento de práticas didáticas voltadas para o trabalho com as diferentes linguagens. Sendo assim, a partir da noção de temas geradores proposta por Freire (*idem*), é possível usar as novas tecnologias com finalidade pedagógica de produção e recepção de textos multimodais, uma vez que os discentes já tendem a usá-las socialmente. Há, portanto, a necessidade de que seja feita uma descrição sistemática de como a Intertextualidade multimodal emerge em textos contemporâneos.

**Agradecimentos:** Agradeço a leitura atenta de Flávia Marina Moreira Ferreira (CEFET/MG) e a de Welton Pereira e Silva (UFRJ). Eventuais erros, no entanto, são de minha responsabilidade.

## Referências

- Andrade, O. (1971). *Poesias Reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Aristóteles (trad. 1991). *Arte poética*. São Paulo: Nova Cultural.
- Courtine, J. J. (2011). Discursos e imagens para uma arqueologia do imaginário. In V. Sargentini, C. Piovezani & L. Curcino (Eds.), *Discurso semiologia e história* (pp. 145–162). São Carlos: Claraluz.
- Dionísio, A. P. (2007). Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In L. A. Marcuschi, & A. P. Dionísio (Eds.), *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freire, P. (2014). *Pedagogia do oprimido*. (58ª ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1968)
- Gonçalves, M. T. Aquino, Z. T. & Silva, Z. B. (1995). *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa.
- Koch, I. V. (2003). *Desvendando os segredos do texto*. (2ª ed.) São Paulo: Cortez.
- Koch, I. V. & Elias, V. M. (2010). *Ler e compreender: os sentidos do texto*. (3ª ed.) São Paulo: Contexto.
- Kress, G. & Van Leeuwen, T. (2001). *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. New York: Oxford University Press.
- Kristeva, J. (1969). *Introdução à semiótica*. São Paulo: Debates.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial.
- Mozdzinski, L. (2013). Intertextualidade verbo-visual: como os textos multissemióticos dialogam. *Bakhtiniana*, 8 (2), 177–201.
- Passos, M. V. F. (2012). O gênero “meme” em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais. *Anais do SIELP*, 2 (1). Uberlândia: EDUFU.
- Ribeiro, A. E. (2014). Tecnologias na educação: questões e desafios para a produção de sentidos. *Revista Práticas de Linguagem*, 4, 136–142.
- Saussure, F. (2012) *Curso de Linguística Geral*. (34ª ed.) São Paulo: Cultrix.

[recebido em 7 de março de 2019 e aceite para publicação em 22 de outubro de 2019]